

A Voz Paroquial

(Jornal da Família Paroquial da Praia)

Propriedade e Edição
da "Paróquia de N.ª S.ª da Graça"—Cabo Verde

Director:
P.e ANTÓNIO FIGUEIRA PINTO

"No Encerramento do Ano da Fé"

A 29 de Junho, Festa dos Apóstolos Pedro e Paulo, encerrou-se o Ano da Fé, proclamado há um ano por Paulo VI.

S. Paulo define-a assim: "Ora a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e uma demonstração das que se não vêem" (Heb. 11, 1).

A nossa fé saiu mais viva e mais firme ou não aproveitamos nada dos ensinamentos deste ano?

Sabemos que a fé é dom que vem do alto, é luz emanada do Sol radiante que é o Pai, e, penetrando todo o nosso ser, a Ele nos eleva. É pela fé que nós aceitamos Deus e o seu eterno Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo e tudo o que Ele nos veio revelar à terra.

Ainda pela fé, aceitamos a Igreja, a depositária e mestra da verdade e o que ela nos ensina.

Para que serve a fé?

—O mundo, todo ele mergulhado no que se vê e agora enfatizado pela obsessão da técnica, envolvido em materialismo, muitas vezes o mais grosseiro, poderá perguntar desdenhosamente para que serve a fé!

—A fé serve para alcançar a vida eterna, resposta que a Igreja, no ritual do baptismo, coloca na boca do baptizando, ao fazer-lhe a mesma pergunta. Quem acreditar e

fôr baptizado, será salvo, quem não acreditar, será condenado (Marc. 16,15.) "Quem crê no Filho, tem a vida eterna; quem recusa acreditar no Filho, não verá a vida e a cólera de Deus pesa sobre ele" (João, III, 36)

O acreditar, o ter fé, é, pois, uma questão de vida ou de morte, conforme lemos nas páginas santas. Do primeiro livro do Antigo Testamento ao último do Novo Testamento, em cada página, nós vemos alusões claras à fé e como sem ela se torna absolutamente impossível a salvação.

Os exemplos dos santos e justos da antiga lei, a dedicação dos Apóstolos e de toda essa plêada inumerável de crentes que ouviram a palavra de Cristo ou da sua Igreja e a seguiram, dando muitas vezes a própria vida por aquilo em que acreditaram ou que prêgavam, que será senão testemunho vivo de fé?

Um acto de reflexão, sério e profundo, não fica mal a ninguém. Sempre haverá alguma coisa a corrigir ou a aperfeiçoar; nos que a possuem já, por graça de Deus, para a tornar mais viva e firme, nos que andam à deriva pelos caminhos da dúvida, para que a encontrem e retemperem, e nos descrentes, se é que os há de verdade, para que com humildade a peçam a Deus e a obtenham.

Dia da primeira Comunhão na nossa Paróquia

A 23 de Junho teve lugar a primeira Comunhão, cerimónia sempre enternecedora e cheia de encanto.

Foram cerca de 170 crianças que tomaram parte, sem falar em mais umas duas centenas que a fizeram, pela ocasião da Visita de Imagem Peregrina de Fátima. À primeira vista, parecerá que foi um grande número, mas se olharmos à população da freguesia, logo se verá que muitas outras ficaram sem cumprir esta santa obrigação, cabendo a responsabilidade deste desleixo aos seus pais ou encarregados de sua educação.

Muitos pais parece que se julgam satisfeitos e sem mais obrigações para com seus filhos, desde que os baptizem. Isto só não chega.

Se depois a criança não fôr instruída conveniente e gradativamente nas verdades e mistérios da fé, se não se levar a frequentar o templo de Deus e a ter gosto nisso, sobretudo na participação das cerimónias religiosas e, dum modo particular, a santa Missa, se não comungar, se, numa palavra, não for integrada em toda a prática religiosa, será mais tarde tudo o que quiserem, menos um bom cristão.

Continua na 3.ª pág.

O Culto das IMAGENS

Antes de falar do culto das imagens, demos a definição de culto em geral. É o acto pelo qual alguém se torna súbdito de outrem, dominado pela sua excelência e superioridade.

É absoluto, se é dirigido a uma pessoa pela sua excelência. É relativo, se é dirigido a um objecto em conexão com a pessoa excelente. Em razão da excelência, o culto pode ser de latria, por causa da excelência divina; de dúlia, por causa da excelência sobrenatural criada; de hiperdúlia, por uma excelência criada sobrenatural singular.

Exemplificando: o culto de latria é para Deus; dúlia para os Santos e de hiperdúlia para a Virgem Maria.

O culto relativo ou indirecto é prestado a um objecto em conexão com uma pessoa santa. Exemplo:—é prestado à cruz pela conexão que esta tem com a pessoa de Cristo. É prestado ao livro da Escri-

Continua na 2.ª pág.

"Em Fátima compreendi tudo!" o professor japonês que assistiu a explosão DA BOMBA ATÓMICA

Verdadeiramente impressionante o caso episódico que vamos referir. Trata-se de um antigo professor universitário de Tóquio, testemunha da terrível explosão de Hiroxima. Ele próprio conta a sua história e como se converteu ao catolicismo.

Hikoka Vanamuri, que era professor de filosofia na Universidade de Tóquio, autor de «Morte Imprevista», romance dos pobres de Hiroxima, foi entrevistado por ocasião da sua peregrinação a Fátima e respondeu neste termos:

«Não voltarei ao Japão. Depois de anos de estudo, depois de numerosos dias de meditação, compreendi que a vida na atmosfera viciada de Buda ficou sendo um azedo testemunho histórico de paganismo vociferante e converti-me à religião católica.

Esta decisão tomei-a a seguir à explosão da bomba atómica sobre Hiroxima.

Medo? Nada disso. Ousarei dizer vingança. Deixai-me dar a palavra o

Continua na 4.ª pág.

O CULTO DAS IMAGENS

Continuação da 1.ª página

tura, pela conexão que tem com a palavra de Deus. É prestado ao altar pela conexão que tem como o sacrifício Eucarístico nele realizado. É prestado ao corpo de um santo incorrupto devido à conexão que tem com a santidade desse santo. É prestado a uma relíquia, por exemplo, à língua de Santo António, ainda incorrupta, pela mesma conexão. É prestado ao hábito ou qualquer objecto que serviu a um santo, pela ligação que teve com a pessoa ou por ter sido instrumento de santidade para essa pessoa.

Temos, como exemplo, Santo Atanásio, Bispo, que nos dias de festa, como o Pentecostes, se vestia com um saco, porque esse saco foi o hábito de penitência de S. Paulo eremita.

Em Roma presta-se veneração a uma cadeia muito velha, porque S. Pedro esteve preso com ela e santificou-se desse modo.

Em Paray-le-Monial numa pequena ampola está um coração e um cérebro. Todos os peregrinos prestam culto a essas relíquias. É o coração e o cérebro de Santa Margarida Maria, os dois órgãos corporais que serviram à santidade dela: o cérebro para pensar em Deus, às vezes sete horas seguidas; o coração porque ela o usou só para Deus e foi a vidente do coração de Jesus.

Temos já alguns princípios para abordar o tema do culto das imagens. São necessários outros, mas antes digamos o que é a imagem. A imagem é um artefacto representativo. cf. Vieira na sua famosa descrição sobre a estatuarial.

A imagem de S. António representa a pessoa de Santo António. A imagem de S. Gonçalo de Amarante representa a pessoa deste santo. S. Domingos, S. Bárbara etc. Os próprios anjos têm imagens. Jesus Cristo e a Virgem igualmente.

De Deus não há imagens, nunca houve em tempo algum Refiro-me a esculturas, pois por imagem entende-se uma escultura, antes de mais nada, em qualquer matéria, desde o barro ao gesso, pedra, madeira, bronze, ouro, marfim e ultimamente até o plástico. Os quadros ou painéis já são imagens imprópriamente ditas. São para decoro dos templos ou edifícios mesmo particulares.

Perguntar-se-á qual é a razão porque se presta culto a uma imagem e se tal culto não será abusivo na Igreja e digno de aprovação, como por vezes se ouve de parte de alguns cristãos ou até mesmo de católicos?

De facto a imagem não tem relação com o santo, como a relíquia e não é sequer uma fotografia. Alguns santos modernos, como Pio X, Gema Algani, Teresa do Menino Jesus são imitações de painéis feitos por pintores em vida dos santos, mas a quase totalidade das imagens é produto da imaginação de artistas, e até mesmo dos santos mais recentes.

Há pouco tempo, na Metrópole, no atelier do Sr. Tedim que tem mais de três mil modelos, a respeito de Pio X, uma escultura de 5 metros de altura, pela qual já lhe ofereceram 300 contos e ele não a quis dar, perguntei-lhe se se tinha servido de algum quadro.—Não, respondeu imediatamente, nasceu só da minha cabeça,

É assim a história de praticamente todas as imagens. Nascem da cabeça do artista, e nem sequer fisicamente são parecidas com a pessoa. Como a podem representar e ser objecto de culto? Onde está a conexão com o santo?

Abordemos primeiro o vastíssimo capítulo da simbologia: há símbolos próprios de um povo inteiro, outros de uma região, outros de um grupo social

Os filósofos situam os símbolos na linguagem. O vocábulo é um símbolo, a escritura é um símbolo, o desenho é um símbolo, o gráfico é um símbolo mas tudo isto é linguagem, são instrumentos psíquicos numa tentativa única e igual de mate-

rializar o que é espiritual: o pensamento, o sentimento, a vontade, a estética etc

Os símbolos são pois a tradução sensível do espírito. Em toda a tradição é importantíssima a simbologia. A religião cristã, depositária de verdades sublimes e até misteriosas, muito mais razão tem para usar o símbolo e de facto é tão importante a simbologia na Igreja Católica que o não iniciado na linguagem dos símbolos passa ao lado dos factos e comunicações sublimes da divindade sem os notar.

O início da vida cristã, o baptismo por exemplo, o que é senão um símbolo, sinal eficaz da graça? A Eucaristia, enquanto contem o corpo real de Cristo é também símbolo da Igreja constituída de muitos grãos de almas.

Começa a aprendizagem cristã pelo uso dos sinais: o sinal da cruz, a bênção, os gestos de ajoelhar, bater no peito, erguer as mãos etc.

Em qualquer sociedade há determinação dos sinais e regulamentado o seu uso. A sociedade portuguesa determinou que um pano, ainda que por vezes bem fraco, com as cores verde rubra em simetria fosse o sinal seu mais respeitado e é um crime de lesa pátria o vilipêndio desse sinal. Porque? — Porque a bandeira é o símbolo da pátria. Foi a sociedade portuguesa que deu todo o valor a tal símbolo.

A Igreja tem desses sinais em profusão. Uns são herança do próprio Cristo, outros são de sua instituição. Símbolos de palavras, de gestos, de objectos.

Como é que um objecto, gesto, vocábulo, sigla passa a ser símbolo?

Só a autoridade da Igreja o pode constituir. Os súbditos da Igreja têm que estudar e conhecer o valor desses símbolos, mas não os podem modificar.

Um dos piores obstáculos à religião cristã vem precisamente da ignorância a respeito dos símbolos sagrados que a constituem. Muita gente diz: Não gosto da religião católica que manda estar de joelhos; gosto mais de outras onde se está de pé. É claro que mesmo um católico não gostará de estar de joelhos. O problema põe-se assim: Estar de joelhos tem algum valor simbólico? Mais expressivo que o estar de pé? Em liturgia responde-se: — De pé indica firmeza. De joelhos indica veneração. Queremos venerar, ajoelhamos. Queremos mostrar firmeza, estamos de pé. Ouve-se o Evangelho de pé para mostrar adesão firme à palavra de Deus. Diante do Santíssimo, ajoelha-se porque assim se fazia historicamente, quando passava o rei. É, pois uma questão de símbolo, não de gosto.

Porque se faz o sinal da cruz ou se bate no peito? As duas expressões em si são ridículas, Deitar água, por cinza na cabeça, azeite na testa etc. em si que significa? Mas se olharmos ao símbolo são gestos espantosos de significado. Só porém o iniciado tira dos símbolos o valor pretendido pela Igreja. O outro escandaliza-se.

Poderíamos substituir muitas das palavras na Liturgia por outras com o mesmo sentido e porque o não fazemos? — Porque não tem valor simbólico e os símbolos são determinados pela Igreja. e mais ninguém. Ex. eu te baptizo em nome do Pai; eu te lavo a alma pelo poder e em honra das pessoas da Santíssima Trindade. etc.

E sobre as imagens e o culto das imagens?

— São símbolos aprovados pela Igreja. Não basta que um escultor faça um ícone. A Igreja tem sempre de ir ver e aprovar ou não e separar para sagrado, pela sua bênção de gesto, palavra e água. O homem precisa disso, materializar o pensamento mediante símbolos sensíveis. O crente que diante de uma imagem ora, tem a certeza de que a pessoa simbolizada está presente e ouve. Mediante as imagens, o crente vai-se elevando para com-

A CAMPANHA do Centro Paroquial

O entusiasmo pelo Centro Paroquial não esmoreceu, embora pudesse ter atingido outro nível, se todos se capacitassem da sua necessidade e do bem que ele vai proporcionar à paróquia.

As obras ainda não começaram, pois esperamos que o empreiteiro nos diga por quanto executa a planta que lhe foi apresentada.

A caridade poderia fazer prodígios, se os cristãos fôssem de facto o que deviam ser, solícitos e zelosos pelo bem da sua paróquia e da sua terra.

Tanto dinheiro mal gasto em bacateiras e ninharias e tanta necessidade a socorrer!

Só num ano nos Estados Unidos as mulheres gastaram 155 milhões de contos em cuidados e produtos de beleza. Os franceses gastam por ano 50 biliões de francos antigos em bebidas alcoólicas e as francesas consomem 11 milhões e 226 mil caixas de pó de arroz no valor de cinco biliões e seiscentos milhões de francos antigos.

A quanta gente se podia matar a fome com tanto dinheiro, quantas obras de caridade se podia levar por diante, se os homens fossem mais irmãos e fizessem suas as necessidades dos outros!

E lá, como cá .. Se bem que entre nós se não chegue a estes excessos, felizmente, não haverá nada a corrigir, e o que se esbanja em certas inutilidades, não serviria para ajudarmos obras que só não singram, por falta de meios?

Presentemente temos a assinalar mais estes donativos, que o Senhor há-de recompensar com mais bens e saúde:

| | |
|---|-------------|
| Jorge Sousa da Cruz—Praia. . . | 100\$00 |
| Um anónimo—Praia | 100\$00 |
| António Sousa Lobo (2.ª prestação)—Praia. | 100\$00 |
| Um grupo de meninas—Praia. | 290\$00 |
| Augusta de Vasconcelos (duas prestações)—Praia. | 40\$00 |
| Major Ferreira (de passagem pela Praia). | 200\$00 |
| Oferta da Legião de Maria—Praia | 1.000\$00 |
| Augusta Vasconcelos (2.ª prestação)—Praia. | 20\$00 |
| De um anónimo Praia. | 626\$90 |
| Dante Castellini—Itália | 500\$00 |
| Mariana Rosa Lima—Itália | 100\$00 |
| Lucio Tavares Semedo, Bridgeport—U. S. A. | 228\$00 |
| Um benfeitor anónimo—Praia | 30.000\$00 |
| Transporte do último n.º | 138.553\$00 |
| Total | 171.657\$90 |

preender símbolos mais profundas, como os de gestos e palavras que o introduzirão cada vez mais profundamente no arcano do divino.

Há várias impugnações do culto das imagens, como aliás do culto dos santos e da Santíssima Virgem: Modernamente pelos irmãos separados e racionalistas. Antigamente pelos Jansenistas, hussistas e colidrianas. Diremos apenas que o culto dos santos é antiquíssimo, desde as Catacumbas, e legítimo porque não obsta que se honre um servo de Deus. Cristo disse. Onde eu estiver também os meus discípulos estarão. Estareis sobre doze troncos a julgar as 12 tribus de Israel. Se assim é no céu também na terra. Dizer que a Sagrada Escritura proibe é ignorância na interpretação dos textos bíblicos. O próprio Deus mandou pôr imagens no templo de Salomão. Como pois as proibiu?

Quanto às imagens, diremos que há imagens actuais miraculosas, como a de Fátima, a Peregrina, a do Sameiro, Lourdes etc. A igreja as aprova como meio de

Continua na 4.ª pdg.

Dia da primeira Comunhão...

Continuação da 1.ª pág.

É preciso vincar duma maneira bem nítida na alma da criança o dia da sua primeira Comunhão em que, pela primeira vez, ela se une a Cristo realmente presente na hóstia santa. É viver da mesma vida divina que deve ser conservada e cada vez mais aumentada. Os pais e educadores devem educar seus filhos no culto da Euca-

ristia, sobretudo pelo exemplo, como levá-los com eles a visitar o Santíssimo Sacramento do Altar, comungar com eles, ajudá-los a progredir na prática da virtude e amor de Cristo, por pequenos sacrifícios inculcados em suas almas tenras, pequenas renúncias, actos de amor de Deus, jaculatórias ou curtas orações com que se unam a Deus continuamente.

Vem a propósito dar aqui o **Decálogo da primeira comunhão:**

- 1.º—Comungar também todos os membros da Família: pais, padrinhos, irmãos e demais familiares.
- 2.º—Comungar dentro duma cerimónia comunitária na Missa, tanto quanto possível na igreja paroquial. É o lugar próprio que não se deve trocar por qualquer outra Igreja ou Capela.
- 3.º—Utilizar trajos simples.
- 4.º—Celebrar a festa em família com a maior simplicidade possível, íntima e discretamente alegre, que ajude a compreender a grandeza, a santidade e o alcance do acto realizado.
- 5.º—Não admitir luxos ou outros regalos custosos e completamente alheios ao espírito da 1.ª Comunhão que há-de ser preparada com pequenos sacrifícios.
- 6.º—Evitar andar daqui para ali, todo o dia, a exhibir o menino numa roda viva completamente distraído.
- 7.º—Impedir que, a pretexto da 1.ª Comunhão, se improvise uma festa de baile-ríco à base de gira-discos e não sei que mais.
- 8.º—Ocupar um pouco da tarde num trabalho, talvez estranho para alguns: rezar.
- 9.º—Ter consciência de que com a primeira Comunhão começa uma vida especial: a comunhão frequente. E que, pelo contrário, não se termina outra: a da inocência.
- 10.º—Não seja obrigatório colocar nas mãos da criança um terço ou mesmo um devocionário. Será melhor rezar todos os dias com ela um mistério do terço e ler de vez em quando algumas passagens da Bíblia, sobretudo os Evangelhos.

Cristo é necessário à realização de todo o homem

Deus criou o homem, dotou-o, por gratuidade, de dons acima das exigências da sua natureza. A integridade, nos seus múltiplos aspectos, domínio da vontade, inteligência e do corpo (v.g. nas suas forças progenitoras; a imortalidade desse homem (corpo e alma); a ciência infusa e não adquirida, o contacto de convívio com Deus, são dons que Deus na sua caridade difusiva deu ao homem-Adão sem serem devidos à criação desse mesmo homem. Não são devidos à natureza, são dados por amor. Não são consequência da criação do homem, mas do amor generoso d' Aquele que criou. E como não estão na linha natural da natureza humana, uma vez perdidos, o homem não mais poderá, pela sua força, alcançá-los de novo.

Desgraçadamente para nós, o homem que, por exigência da sua natureza é livre, perdeu no mau uso do liberdade os dons outorgados por amor e que não pertenciam, por necessidade exigitiva, à natureza humana.

Após a perda destes dons o homem sente aspiração para eles

(Continua no próximo número)

Crónica da Paróquia

No primeiro de Junho a nossa paróquia teve mais um dos seus dias maiores, com os 52 casamentos que o nosso Prelado abençoou. Foram outras tantas famílias que se reconstituíram e em que o Senhor começou a reinar em cheio, pela vivência de sua divina graça e pela doação que cada um fez a Deus de suas pessoas e de seus lares, agora lares verdadeiramente cristãos.

O dia do Pentecostes decorreu com a solenidade dos anos transactos, tendo o Bispo da Diocese celebrado solene Pontifical e numa homília substancial que pronunciou, lembrou-nos a doutrina referente à terceira pessoa da Santíssima Trindade e os seus efúvios na alma de cada cristão e em toda a Igreja e no mundo.

Na Reunião de Patrícios da Legião de Maria que se realizou no Salão Paroquial no dia 5, com uma selecta assistência, o Ex.º Arquitecto, Sr. Pedro Gregório falou-nos magistralmente do culto das imagens. A palestra destinada ao sacerdote foi pronunciada pelo R. P. José Maria de Sousa que resumiu e completou aquela. Damos outro lugar deste jornal um resumo do que então se disse.

No Domingo, 9. Festa litúrgica da Santíssima Trindade, a população da Trindade, lugar aprazível a 4 ou 5 quilómetros da capital, teve a sua Festa, com Missa solene e sermão em honra da Santíssima Trindade. Muita gente, como de costume, se deslocou da cidade para tomar parte nas solenidades e ouvir falar deste insodável mistério da nossa santa Religião.

Dia 16. A Achada de S. António quis festejar neste dia o padroeiro do seu lugar, com imponente Procissão e Missa cantada em honra de S. António. O largo fronteiro à pequena capela estava repleto de fiéis que, à porfia e com cânticos louvavam o seu santo.

Dia do Sagrado Coração de Jesus. Este ano teve desusado brilho esta solenidade, a 21 de Junho, porque a Procissão do Corpo de Deus que no próprio dia se não pode realizar, devido às Obras da Capela-mór da Igreja ainda por terminar, se realizou neste dia, após a Missa cantada. Tomaram parte na Missa e Procissão todo o clero da paróquia e o Seminário, além de numerosos fiéis.

Foi no dia 23, Domingo, a Festa da primeira Comunhão das crianças da paróquia, com Missa solenizada, Comunhão e, a seguir, um lanche para todos os que fizeram a sua primeira comunhão. As catequistas que os ensinaram com tanto sacrifício e boa vontade, às Irmãs do Espírito Santo que, como sempre, tão bem prepararam o lanche na Sede do Centro de formação Feminina da cidade, o nosso muito obrigado e que Deus a todas recompense.

FESTA de S. Pedro e S. Paulo. ENCERRAMENTO DO ANO DA FÉ. Receberam o crisma, o sacramento da força e dos dons do Espírito Santo cerca de 340 irmãos nossos. Que o Senhor os conserve na sua graça e lhes dê força para sempre o confessarem e crescerem na fé.

Dia 30. Como estamos no mês dos santos populares, o lugar de Lém-Ferreira, que tem muita devoção a S. António, tendo até erigido um nicho há dois anos em honra deste santo português, quis ter uma Festa em louvor de S. António. Celebrou-se com muita piedade uma Missa cantada no local, pelas 10 horas do dia cinco de Junho, com numerosíssima assembleia de cristãos, quer do lugar, quer dos arredores.

A 7 de Julho. Passeio anual da Legião de Maria para S. Francisco. Três carros transportaram todos os legionários que quiseram tomar parte nesta actividade de Legião. Foi um bom dia passado ao ar livre, na praia aprazível de S. Francisco ou à sombra dos belos coqueiros, que retemperou o corpo e fez bem à alma. Seguiu-se à risca o programa do Manual da Legião.

Dia 8. Festa de Santa Isabel, Padroeira do Hospital. Tanto a Procissão da Igreja paroquial para a Capela do Hospital como a Missa tiveram larga concorrência de fiéis. O R. P. Nogueira deliciou-nos com uma bela peça de oratório sagrada em honra da Santa, a que o povo da Praia e de toda a Ilha de Santiago consagra terna devoção.

Terminamos esta crónica com o passeio anual do grupo Juvenil da Legião de Maria para a Praia-Abaixo no dia 21 que decorreu com agrado de todos e num ambiente de sã camaradagem e de entusiasmo, não esquecendo a Festa do Padroeiro dos Automobilistas que teve a sua realização no dia 28. Tanto a missa com o cortejo automobilísticos até Vila Nova, com a esttua de S. Cristóvão, tiveram enorme afluência de devotos, muitos deles chegados de manhã de todos os pontos do interior da Ilha.

O R. P. José Maria de Sousa, como sempre costuma fazer, desbobinou-nos magistralmente a vida quase lendária de S. Cristóvão e teceu oportuníssimas considerações sobre a maneira de bem conduzir, respeitando cada um a própria vida e dos outros, ao guiar o seu veículo, o que agradeceu a todo quantos o escutaram.

À Ex.ª Comissão das Festas, aos Juizes da mesma e a todos quantos contribuíram para que tudo decorresse em boa ordem e sem o menor deslize, os nossos parabens e agradecimentos sinceros.

Em Fátima compreendi tudo!...

Continuação da 1.ª pág.

seu significado simbólico. Escapei àquele pequeno ensaio geral do Apocalipse que se verificou em 6 de Agosto de 1945, num recanto do Japão. Estava em Hiroxima para fazer uma investigação histórica.

Não acreditava que a vida fosse uma luta desapietada pela sobrevivência, como acontece no reino da selva. Pensava que a generosidade do homem ultrapassasse as barreiras de papel dos modernos tratados de civilidade e cortesia, Ignorava que a guerra é brutalidade e subversão de almas.

A explosão da bomba encontrou-me na biblioteca. Consultava um livro português a caiu-me sob olhar uma imagem da Senhora de Fátima. Pareceu-me que esta se movia e me dizia qualquer coisa.

O INFERNO DO VULCÃO ATÓMICO

De súbito, uma luz deslumbrante, vivíssima, feriu-me as pupilas,

Fiquei imóvel como se fosse feito de pedra. Tinha sido o cataclismo. O céu tinha-se obscurecido. Uma nuvem de poeira castanho-escuro tinha coberto a cidade. A biblioteca ardia.

Os homens ardiam. As criancinhas ardiam. Os animais ardiam. O próprio ar ardia. E, todavia, eu não tinha sofrido a mais pequena queimadura. O sinal, o traço do milagre eram evidentes. Não conseguia, todavia, compreender o que tinha acontecido. Mas, tem o milagre alguma explicação?

O milagre é raríssimo, mas seria um dom quotidiano se Fé, Dor e Caridade estivessem sempre presentes e convergentes nas almas puras dos homens.

Não conseguia sequer pensar. Somente a imagem da Senhora de Fátima resplandecia sobre todos os focos incendiários, sobre os homens, acima das vinganças, acima dos homicídios colectivos. Sem dúvida, eu tinha sido salvo para que levasse o testemunho da Virgem a todos os ângulos da Terra.

O doutor Keia Mujnuri, um amigo a quem me dirigi quinze dias depois, em Tóquio, verificou através dos Raios X que o meu corpo não tinha sofrido danos. A barreira do mistério desmoronava-se. Eu começava a acreditar na beleza do amor.

Tendo falecido no dia 28-7 o Director Técnico do nosso Jornal, Ex.^{mo} Sr. Alvaro Leitão da Graça, apresentamos à Família enlutada os nossos pésamos e pedimos aos leitores do Jornal uma prece por sua alma.

Deus lhe dê o eterno descanso.

Composto e impresso na Tipografia
MINERVA DE CABO VERDE

O CÂNTICO SUAVE DE FÁTIMA...

Aprendi o catecismo, mas no coração conservava a imagem da Virgem, o cântico suave de Fátima, Desejava o senhor, para converter-me, mas desejava-O por meio de sua Mãe.

Sentia a Sua presença em mim e à volta de mim. Às violências, às injúrias, às rebeliões que os meus concidadãos opunham ao inimigo, contrapunha eu o perdão. Estava seguro de que sem o perdão, o Mundo ficaria na iminência de um conflito sem fim.

Trazia as outras almas para junto de Cristo. Punha-me de joelhos diante d'Ele na Igreja, ou sobre o duro passeio lajeado do meu jardim, em Tóquio. Numa palavra, nutria-me de Deus.

Eis aqui o verdadeiro milagre de Fátima. Não considerava já a minha salvação como um efeito do destino, mas como o índice de qualquer coisa diferente que tinha entrado na minha vida.

Em Fátima compreendi o verdadeiro significado da existência. Vede: Todos temos um segredo que levamos para o túmulo. A maior parte dos homens renasce no limiar da morte, quando—em certo sentido—é demasiado tarde. Aquilo que aos outros roubamos não servirá para dar cores róseas ao nosso ingresso no reino de Deus.

Não voltarei a ver o Japão. Comprei um terreno a três quilómetros de Fátima, na vizinhança de um velho moínho.

O entrevistante ousou fazer a pergunta:—Gostaria de vir a ser sacerdote? Respondeu:—Não sou digno disso. A minha aspiração é somente rezar, como o último dos fiéis.

—Este relato foi divulgado pela revista italiana «Il Cuore della Madre».

O Culto das Imagens

Continuação da 2.ª pág.

tornar presente aos sentidos a pessoa representada.

Com o texto "onde for invocado o meu nome aí estarei", termino exortando ao culto das imagens. Se o culto da imagem é um acto de fé na doutrina da Igreja, é de exortar esse culto. Mas não seria mais proveitoso interessar-se pela simbologia em geral? Pelas imagens interiores do pensamento e sobretudo por passar a vida inteira a pintar a imagem de Deus em nós? Criemos o homem à nossa imagem e semelhança, disse Deus.

Uma excursão da Juventude Praense a São Jorge dos Orgãos

O domingo do dia 14 era aguardado com ansiedade por todos os jovens que sonhavam com aquele significativo passeio a São Jorge dos Orgãos.

Após algumas horas de insónia o romper da aurora foi anunciado pelo alegre cantar dos passarinhos e o Sol apareceu no horizonte, belo como uma bola de ouro. Era dia!

A juventude, que se tinha levantado antes do Sol, preparava-se para o suspirado passeio.

O dia estava quente e convidava a uma excursão pelo campo onde se podia respirar ar puro, como deve ser a alma do jovem.

Fomos cantando pelo caminho e, passado pouco mais de uma hora, ouviam-se umas vozes que, interrompendo, o cântico desentoadado exclamavam: São Jorge à vista! São Jorge à vista! Estávamos realmente em São Jorge.

Fazia, sem dúvida, um tempo magnífico. A suavidade do clima fazia crer a todos os presentes que fora ali onde Deus colocara o primeiro Homem.

Entregámo-nos imediatamente a diversos divertimentos. A camaradagem era tal que não havia diferença de trato entre rapaz e rapariga, sacerdote e crente. Éramos todos jovens!

As diversões eram deveras sedutoras. Apesar de tudo, não foi esquecida a causa fundamental do nosso memorável passeio:

"OS PROBLEMAS DA JUVENTUDE"!

Teve a primazia o assunto relacionado com o "GRANDE ENCONTRO", levado a efeito nos fins de Abril, e houve de impressões sobre os diversos aspectos do mesmo. Seguidamente, foi criticado o modo como os jovens da nossa terra convivem e houve, da parte dos rapazes, opiniões contra, o que fez com que as raparigas tivessem uma reacção imediata, apresentando as suas justificações que nos pareceram, a nós rapazes, pouco aceitáveis.

Terminada a palestra encaminhámo-nos para a capela, onde tomamos parte activa na Santa Missa.

Alimentada a alma, urgia fazer o mesmo ao corpo.

Do íntimo de cada um ouviam-se estas palavras:

"Almoço sem demora
Porque já está na hora".

Toda a gente cumpriu esta ordem, e ao almoço todos confraternizaram.

Recuperadas as energias gastas, passámos o resto da tarde entregues a folguedos, cantarolas, anedotas, enfim tudo quanto inspirasse a nossa alma jovem.

O dia declinava. A hora do adeus tinha chegado. Cada um retomou o seu lugar e os carros puseram-se em andamento.

Pelas montanhas visinhas ecoavam as nossas vozes que a par do contentamento, também traduziam saudade.

Chegamos à cidade sãos e satisfeitos e comunicamos a nossa satisfação aos outros jovens que, por diversas razões, não nos puderam acompanhar.

As imagens desse dia jamais se apagarão da nossa memória e oxalá a camaradagem entre todos manifestado se prolongue por toda a nossa vida.

A. Delgado

Ano II — N.º 5

Junho a Julho de 1968

A VOZ PAROQUIAL
(JORNAL DA FAMÍLIA PAROQUIAL DA PRAIA)

Ex.^{mo} Sr. _____